



Recebido em:  
04/07/2017  
Aprovado em:  
04/07/2017  
Editor Respo.: Veleida  
Anahi  
Bernard Charlort  
Método de Avaliação:  
Double Blind Review  
E-ISSN:1982-3657  
Doi:

## MULHERES IDOSAS QUILOMBOLA DO OITERO – SUAS HITÓRIAS, CULTURAS E RESISTÊNCIAS

DAYSEREIS DA CONCEIÇÃO  
NAYANNE LIMA ALVES  
VALÉRIA CAMPOS CAVALCANTE

EIXO: 2. EDUCAÇÃO, INTERVENÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS AFIRMATIVAS

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre as “artes de fazer” das mulheres quilombolas envolvidas na pesquisa Contos, Causos e Histórias do Quilombo do Oitero. Essas mulheres são idosas, que em sua grande maioria participam de danças e manifestações culturais da comunidade. São pessoas que detêm na memória toda a história e cultura local, uma vez que não há registro escrito sobre esses aspectos na comunidade. Utilizamos uma metodologia qualitativa de base interpretativa, para coleta de dados recorremos aos círculos de Cultura. Entendemos a relevância dessas mulheres na comunidade, que utilizam táticas para passar adiante os conhecimentos dos seus antepassados quilombolas, auxiliando no regaste da identidade através dos seus costumes, crenças e culturas.

**Palavras-chaves:** Mulheres quilombolas. Identidade. Culturas

### ABSTRACT

This article aims to reflect on the "arts of making" quilombola women involved in the Quilombo do Oitero Tales, Causes and Stories research, these women are elderly, who in their majority participate in dances and cultural manifestations of the community. They are people who hold in the memory the whole history and culture of the community, since there is no written record about these aspects in the community. We use a qualitative methodology with an interpretive basis, for data collection we use the Culture circles. We understand the relevance of these women in the community, who use tactics to pass on the knowledge of their maroon ancestors to and help in the irrigation of identity through their customs, beliefs and cultures.

**Keywords:** Quilombola women. Identity. Cultures

## MULHERES IDOSAS QUILOMBOLA DO OITERO – SUAS HITÓRIAS, CULTURAS E RESISTÊNCIAS

2. Educação, Intervenções Sociais e Políticas Afirmativas

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre as “artes de fazer” das mulheres quilombolas envolvidas na pesquisa Contos, Causos e Histórias do Quilombo do Oitero. Essas mulheres são idosas, que em sua grande maioria participam de danças e manifestações culturais da comunidade. São pessoas que detêm na memória toda a história e cultura local, uma vez que não há registro escrito sobre esses aspectos na comunidade. Utilizamos uma metodologia qualitativa de base interpretativa, para coleta de dados recorremos aos círculos de Cultura. Entendemos a relevância dessas mulheres na comunidade, que utilizam táticas para passar adiante os conhecimentos dos seus antepassados quilombolas, auxiliando no regaste da identidade através dos seus costumes, crenças e culturas.

**Palavras-chaves:** Mulheres quilombolas. Identidade. Culturas

## ABSTRACT

This article aims to reflect on the "arts of making" quilombola women involved in the Quilombo do Oitero Tales, Causes and Stories research, these women are elderly, who in their majority participate in dances and cultural manifestations of the community. They are people who hold in the memory the whole history and culture of the community, since there is no written record about these aspects in the community. We use a qualitative methodology with an interpretive basis, for data collection we use the Culture circles. We understand the relevance of these women in the community, who use tactics to pass on the knowledge of their maroon ancestors to and help in the irrigation of identity through their customs, beliefs and cultures.

**Keywords:** Quilombola women. Identity. Cultures

## *Primeiras Palavras*

Esse texto surge a partir de nossa inserção na pesquisa Contos, Causos e Histórias do Oitero. A referida pesquisa nasce como uma tentativa de resgate da identidade dos moradores da Comunidade do Oitero, pois identificamos que muitos moradores da comunidade, sobretudo os jovens, não se reconheciam como sendo remanescente Quilombola.

Essa pesquisa busca o caminho metodológico de uma pesquisa qualitativa interpretativa, baseada nas histórias orais dos moradores da comunidade. As falas foram coletadas através da implementação de Círculos de Cultura e Tradição (FREIRE, 1987) com os moradores idosos da Comunidade, com intuito de ouvir e registrar as narrativas dos idosos da comunidade como fonte para a elaboração de um livro paradidático. Compreendemos que dessa forma poderemos auxiliar a comunidade do Oitero no resgate e fortalecimento da Identidade de comunidade Quilombola, seus costumes, crenças e culturas.

Inicialmente para entendermos a visão das idosas, recorremos aos círculos de cultura, uma vez que essa postura se deve ao fato de preferirmos uma atmosfera na qual o participante não se sinta pressionado ao falar de sua realidade, responder aos questionamentos levantados, possibilitando, assim, um diálogo no qual o sujeito se coloque de forma espontânea.

Nesses *círculos de cultura* houve a gravação de vídeos, fato que ocorreu durante todo o desenvolvimento da pesquisa. Consideramos, sobretudo, as narrativas dos envolvidos/as com/na pesquisa, essas narrativas carregam o peso da legitimidade de todo processo, uma vez que os narradores trabalham na primeira pessoa, falam de si, de suas emoções, dos seus erros, das suas preferências, são detalhadas experiências vivenciadas pelo narrador.

Sobre as narrativas Certeau (2008), afirma que:

A narrativa tem ali função necessária. [...]. Não tem mais o estatuto de um documento que não sabe o que diz citado à frente de e pela análise que o sabe. Pelo contrário, é um 'saber-dizer' exatamente ajustado a seu objeto e, a este título, não mais o outro do saber mas uma variante do discurso que sabe e uma autoridade em matéria de teoria. (p.152-153)

Diante da dimensão desta pesquisa trazemos aqui um recorte, mais especificamente apresentaremos os *saberesfazeres* e resistências das mulheres idosas da comunidade do Oitero que participaram do projeto nos contando suas histórias. Estrategicamente, traremos neste artigo três pontos que julgamos fundamentais para essa discussão, sendo eles: **I. (Re) visitando histórias dos Quilombos no Brasil – Universidade como espaço de resistências**, **II. Quilombo do Oitero – atualidade e vivências**; **III. Mulheres Quilombolas – memórias e histórias de vida**.

### 1. (Re) visitando histórias Quilombolas – Universidade como espaço de reflexões

Os Quilombos representam uma das maiores expressões de luta organizada no Brasil, em resistência ao sistema colonial-escravista, atuando sobre questões estruturais, em diferentes momentos histórico-culturais do país, sob a inspiração, liderança e orientação política ideológica de africanos escravizados e de seus descendentes de africanos nascidos no Brasil.

O processo de colonização e escravidão no Brasil durou mais de 300 anos. O Brasil foi o último país do mundo a abolir a escravidão, através de uma lei que atirou os ex-escravizados numa sociedade na qual estes não tinham condições mínimas de sobrevivência.

Quilombo é um movimento amplo e permanente que se caracteriza pelas seguintes dimensões: vivência de povos africanos que se recusavam à submissão, à exploração, à violência do sistema colonial e do escravismo; formas associativas que se criavam em florestas de difícil acesso, com defesa e organização socioeconômicas, política própria; sustentação da continuidade africana através de genuínos grupos de resistência política e cultural. (NASCIMENTO, 1980, p.32).

A palavra "Quilombo" tem origem africana, vem dos termos "kilombo" ou "ochilombo". Na África, significava apenas um lugar de descanso utilizado por viajantes ou nômades deslocamentos. Podia significar também um local de parada para caravanas que comercializavam escravos ou outros produtos de valor.

Africanos de diferentes grupos étnicos compõem os quilombos, como forma de resistir a uma determinação política anterior de separá-los de tudo o que significasse expressão de identidade de um povo: línguas, famílias, costumes, religiões, tradições. Esses núcleos de resistência têm continuidade e interagem com os quilombos através de seus quilombolas tradições, valores, costumes, mitologias, rituais, formas organizativas, organização familiar, experiência de socialização. Os quilombos viviam nas florestas, nas matas, nas montanhas e, ao mesmo tempo, em contato com a sociedade envolvente que as rodeava, as vigiava, controlava e perseguia.

Reconhecendo toda essa resistência dos povos negros, e ainda reforçando o compromisso social da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)/Penedo, acreditamos ser de extrema importância ouvirmos as comunidades quilombolas no entorno da instituição, uma vez que há um grande incidência de estudantes dessas comunidades no espaço universitário. Entendendo que a memória do povo negro precisa ser escrita, estudada e revelada, para que as novas gerações quilombolas conheçam, respeitem e valorizem suas tradições. Todos esses aspectos serão importantes para a formação de identidade individual e/ou coletiva dos alunos da comunidade. Nesse sentido, Moura (2007, p.6)

destaca que:

A grande diferença que se deve destacar entre a transmissão do saber nas comunidades negras rurais e nas escolas é que, no primeiro caso, o processo, fruto da socialização, desenvolve-se de forma natural e não formal e, no segundo, o saber nem sempre está referenciado na experiência do aluno.

Considerando, pois que no ambiente acadêmico devemos abordar conteúdos e temas que possibilitem a afirmação da identidade e consciência negra, saberes quilombolas, história do Brasil e África, musicalidade afro-brasileira, contribuições afro-brasileira na formação do País, religiosidade africana, cidadania e ética. Possibilitando aos alunos um melhor entendimento sobre suas origens.

Considerando a realidade do quilombo, compreende-se que as relações étnico-raciais devem ser discutidas nas universidades públicas, nos cursos de licenciaturas, sobretudo nas instituições que possuem estudantes das comunidades quilombolas. Neste sentido, Munanga (2005), enfatiza que:

[...] é preciso que os educadores (as) compreendam que o processo educacional também é formado por dimensões como a ética, as diferentes identidades, a diversidade, a cultura, as relações raciais, entre outras. E trabalhar com essas dimensões não significa transformá-la em conteúdos escolares ou temas transversais, mas ter a sensibilidade para perceber como esses processos constituintes da nossa formação humana se manifestam na nossa vida no próprio cotidiano escolar. Dessa maneira, poderemos construir coletivamente novas formas de convivência e de respeito entre professores, alunos e comunidade (MUNANGA, 2005, p.147).

Compreende-se, portanto que é necessário entender o contexto sociocultural dessas comunidades, formulando uma educação que traga envolvimento com a história desses sujeitos sociais para que se reconheça e queiram ser cada vez mais reconhecidos na sociedade em geral. neste sentido, entendemos que “o currículo se expressa em usos práticos, que, além disso, tem outros determinantes e uma história” (SACRISTÁN, 2000, p. 202). Nesse sentido, o currículo das Universidades, sobretudo nos cursos de licenciaturas devem ser construídos com um olhar para diversidade cultural.

### **1. Quilombo do Oiteiro[j] — atualidade e vivências**

O Quilombo do Oiteiro é um quilombo urbano composto, em sua grande maioria, por famílias nucleares (morando juntos pais e filhos), porém existem outras famílias em que vivem juntos os avós, os genros, noras, netos. Destaca-se ainda o grande grau de parentesco entre a maioria dos moradores da comunidade.

As famílias da comunidade Quilombola do Oiteiro é composta 1500 famílias que habitam na comunidade e no entorno. Na comunidade quilombola do Oiteiro existem três religiões predominantes: o catolicismo, o candomblé e o evangelismo. Embora o catolicismo seja predominante, o Candomblé, também é praticado, mesmo que de maneira marginal, uma vez que o candomblé ainda é mal visto pela sociedade penedense, pois considera um desrespeito a Deus por suas oferendas aos orixás.

Existe ainda a festividade religiosa que acontece todos os anos e envolve toda a comunidade e tem o ponto alto da comemoração a Procissão do Senhor do Bonfim, padroeiro do bairro.

As famílias da comunidade são na sua grande maioria de baixa renda e muitas sobrevivendo através da agricultura, beneficiárias do programa do governo Federal “Bolsa Família”, como complemento salarial (este condicionado à frequência escolar). Muitos jovens e chefes de família migram em busca de trabalho nos grandes centros urbanos, ficando responsáveis pela manutenção do lar às mulheres e os avós aposentados.

A comunidade Quilombola do Oiteiro/Penedo tem seu perfil histórico similar a tantas outras comunidades remanescente Quilombolas, na qual, diante da ausência de discussões referente a identidade quilombola, percebe-se haver entre muitos moradores, sobretudo entre os jovens, o desconhecimento sobre a história, e a cultura do

Quilombo. No aspecto econômico, o bairro possui um pequeno comércio e percebe-se na comunidade uma forte influência do trabalho informal, por haver significativa quantidade de trabalhadores que não conseguem ingressar no mercado formal.

Assim, a informalidade representa o sustentáculo de muitas famílias da comunidade. Baseada em Tavares (2004), consideramos que nossos educandos da EJA, da escola Safira, em grande parte são trabalhadores informais produtivos e improdutivos. Os produtivos são aqueles que trabalham com prestação de serviços e contratação temporária são: prestadores de serviços e os autônomos; os informais improdutivos são aqueles que desenvolvem atividades que outras pessoas consomem como “valor de uso”, são eles: empregados/as domésticas e serviços gerais autônomos.

Existe, da mesma forma, no bairro, jovens e adultos que acabam se ocupando em sub-empregos, todos com relações não-contratuais muitas vezes de base familiar, desta forma, em Alagoas, segue-se uma perspectiva que tem sido fortemente ampliada no Brasil, sobre a flexibilidade da remuneração do trabalho, como afirma Tavares (2004, p. 49):

[...] a força da economia informal nos tempos de crise residiria nos laços pessoais, e não nos salariais, que unissem o pequeno patrão e sua mão-de-obra essencialmente familiar. Em uma empresa formalizada, em situação de crise, o patrão não pode reduzir o salário abaixo do mínimo. [...] Isso não vai acontecer na empresa informal: o pequeno patrão não vai demitir sua esposa, seu filho, seu sobrinho quando o volume de negócios diminuir, a empresa pedirá falência. Cada um vai apertar o cinto esperando por dias melhores; vale mais ter uma renda per capita inferior ao salário mínimo do que nenhuma renda.

Como se pode ver, essas práticas de trabalho domiciliar é defendida pelo discurso dominante ressaltando o seu caráter autônomo, tentando obscurecer a precarização do trabalho e a sua exploração brutal, escravizando homens, mulheres, jovens e crianças que acabam sendo impedidos de estudar para lutarem por sua sobrevivência. Em geral, o bairro encontra-se desamparado em relação à conservação e investimento do poder público, sendo esse um dos fatores que contribui para os problemas de saneamento básico, reduzido número de ônibus, além da coleta deficiente de lixo.

Como podemos observar, o bairro permanece, há décadas, sem investimento em todos os aspectos, só há um posto de saúde, para atender a toda comunidade, faltam espaços culturais e de lazer. Outro fator agravado pelo descaso dos governantes, no bairro, diz respeito à falta de segurança pública, havendo registro de altos índices de violência, como: furtos, assaltos, roubos, arrombamentos, porte e consumo de drogas, homicídios, porte ilegal de armas, desordem entre outros.

### **1. Mulheres Quilombolas – memórias e histórias de vida.**

Neste item do trabalho apresentamos os *saberes-fazer*s das mulheres idosas quilombolas do quilombo do Oitero Penedo/Alagoas. Escolhemos essas mulheres por que entendemos a relevância de suas presenças como possibilidade de resistência e de se preservar a cultura na comunidade. Compreendemos também, que essas mulheres resistem ao silenciamento expondo seus saberes através dos seus cantares, danças e histórias contadas.

Considerando a necessidade de que se resgate a Identidade dos quilombolas da comunidade do Oitero, compreende-se a necessidade de ouvir essas mulheres, e para tanto implementamos círculos de cultura para ouvir e debater com as idosas da comunidade aspectos referentes às origens dessa comunidade, cultura e tradição. O objetivo dos círculos de Cultura é de dar visibilidade à transformação das dimensões concretas da realidade, numa busca engajada do historicamente possível “ou daquilo que impossível tornamos possível em determinado momento histórico” (FREIRE, 2001, p.232).

Nos Círculos de Culturas, o diálogo foi assumido como chamamento a favor da valorização da palavra, e da escuta dos participantes do processo e, ainda, como estimulador da ação pelas palavras que, ampliadas pela criticidade dialética e dialógica, tornam-se palavra-ação, atividade humana de significação e transformação do mundo. Nesse

sentido, o diálogo como palavra-ação além de fazer a crítica em forma de discurso se compromete concretamente com aquilo que denuncia e/ou anuncia.

Nesses círculos de cultura abordamos conteúdos e temas que possibilitou a afirmação da identidade e consciência negra, saberes quilombolas, história da comunidade do Oitero. Esses encontros serviram para o exercício consciente da cidadania, em um processo formativo, configurando-se como atividade humana desenvolvida de forma intencional e diretiva por sujeitos mediatizados pelo mundo (FREIRE, 2001).

Esse posicionamento, em relação à reconstrução da história por meio das vozes silenciadas, advém de pressuposto de que os fatos que não foram registrados pelos documentos oficiais têm, na história oral, a oportunidade de serem contados por meio de moradores e moradoras da comunidade do Oitero/Penedo.

Nesta trajetória não deixamos de reconhecer a importância da valorização da memória coletiva, como destaca Certeau (2008, p. 150), ao dizer que:

A memória não possui uma organização já pronta de antemão que ela apenas encaixaria ali. Ela se mobiliza relativamente ao que acontece – uma surpresa, que ela está habilitada a transformar em ocasião. Ela só se instala num encontro fortuito, no outro.

Diante das dificuldades de reunir em grupo de idosos pelas distâncias de suas moradias e/ou pelas dificuldades de locomoção de alguns, temos consciência que de alguma maneira podemos ter perdido a possibilidade de confrontar as memórias dos sujeitos.

De qualquer forma reconhecemos a importância de se coletar as falas dessas mulheres, pois acreditamos que são possuidoras de culturas e histórias riquíssimas que podem e devem ser repassadas para as futuras gerações.

### **1. As mulheres Idosas do Oitero – táticas e resistências**

Em vários países, as mulheres negras representam a maior parte das aparecem como vítimas em diversos indicadores de violações de direitos humanos. Essa situação também é recorrente no Brasil. Assim o nosso país é responsável por múltiplas formas de discriminação baseadas no sexo, sobretudo por questões raciais, conforme nos informa o Dossiê das Mulheres Negras no Brasil (2013, p.155):

É fundamental considerar os aspectos da violência racial especificada por gênero que acomete as mulheres negras brasileiras. Esta experiência tem sido profundamente invisibilizada e negligenciada, seja pelas políticas públicas, seja pelos trabalhos acadêmicos e pelas instituições de pesquisa, que geralmente não costumam avaliar o fenômeno por raça/cor e gênero, que se conforma apenas com uma das características – ser o negro ou ser a mulher.

Essas formas de marginalização refletem em graves violações dos direitos sociais, econômicos e culturais das mulheres negras, neste sentido entendemos as mulheres negras no Brasil sofrem todo tipo de negação e invisibilidades, sendo assim elas não podem usufruir de todos os direitos como cidadãs. Nesse sentido, o Dossiê das mulheres negras no Brasil (2013, p.110) aponta que:

O reconhecimento dessa invisibilidade, bem como o questionamento e embate promovido pelo feminismo negro, permitiu perseguir uma visão mais plural do debate de gênero e das perspectivas de subordinação a que estavam submetidas mulheres negras. Neste contexto, a percepção da vivência de uma “dupla discriminação” experimentada por estas mulheres se tornou bastante discutida, respaldada pela expressiva desigualdade que estrutura o espaço social destes sujeitos e pelas denúncias do movimento negro.

Quando o tema é mercado de trabalho percebe-se ainda no país a presença de sexismo e racismo nos espaços

institucionais, tudo isso reforça a segregação e as desigualdades no mercado de trabalho, que incorrem em diferenças salariais.

No tocante a imagem feminina, podemos constatar que é parte importante no fortalecimento de estereótipos discriminatórios que autorizam violências. No caso específico das mulheres negras, no Brasil, esses estereótipos são agravados pela carga histórica escravagista de objetificação e subalternidade que reforçam mitos racistas como o da mulher negra hipersexualizada sempre disponível.

Toda essa violência imposta às mulheres é presenciada fortemente em Alagoas, sobretudo, por questões históricas, políticas e sociais, sendo assim as mulheres quilombolas do Oitero já sofreram absurdamente com essa realidade, mas mesmo assim não perderam a alegria de viver e ser feliz.

Reafirmamos assim que a identidade negra é fortalecida principalmente pela tradição oral, visto que essa forma de preservação do conhecimento histórico é muito presente nas comunidades africanas, permitindo também, que as mulheres negras reivindicassem seus direitos nas esferas públicas e acadêmicas. Concordando com Vansina, (1982, p.97) entendemos que: “[...] A tradição oral é a escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos, ou seja, a troca de saberes e experiência, quando é possível o diálogo, com as ações e significados”.

Percebemos que as idosas quilombolas do Oitero, trazem toda sua ancestralidade no seu falar, cantar e dançar, acreditamos que tudo isso fortalecidas pela herança dos seus antepassados africanos. Essas mulheres, mesmo que de maneira inconsciente usam a tradição oral para dar continuidade às história do quilombo do Oitero e consequentemente preservar sua cultura.

Nesse percurso as mulheres idosas quilombolas do Oitero transmitem seu legado cultural para nova geração, através da dança do pastoril, guerreiro, reisado, não deixando morrer essa cultura afrodescendente. As plantas medicinais estão no alcance dos quilombolas que trás essa tradição dos seus avós, pais e é de fundamental importância visto que a comunidade ainda preserva consigo essa crença para o tratamento de doenças e utilizam ervas e fazem benzimentos para cura.

Encontrar sentidos nas “artes de fazer” de quilombolas nos permitiu no percurso considerar a legitimidade dos saberes e valores que permeiam suas práticas subterrâneas na comunidade investigada, suas estratégias e táticas próprias, na busca da compreensão de suas regras próprias e de seu desenvolvimento (CERTEAU, 2008, p. 142). Considerando que toda atividade humana é cultura, mas ela não o é, necessariamente, ou, não é forçosamente reconhecida como tal, pois, “para que haja cultura, não basta ser autor das práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza.” (CERTEAU, 2008, p. 142).

E é neste sentido, que a comunidade do Oitero é entendida, por nós como um dos lócus de aprendizagens, lugar de avanços nas possibilidades, nesse sentido, os conhecimentos dos sujeitos que antes eram silenciados, invizibilizados, aos poucos vai surgindo, ocupando o *status* de igualdade com o conhecimento científico,

Em todas as etapas da decodificação, estará os homens exteriorizando sua visão de mundo, sua forma de pensá-lo, sua percepção fatalista das “situações-limites”, sua percepção estática ou dinâmica da realidade. E, nesta forma expressada de pensar o mundo fatalistamente, de pensá-lo dinâmica ou estaticamente, na maneira como realizam seu enfrentamento com o mundo, se encontram envolvidos seus “temas geradores”. (FREIRE, 1987, p. 115).

Inseridos nos cotidianos da comunidade quilombola, numa atitude de mergulho no cotidiano, nos permitiu capturar as táticas, os *saberes-fazer* das mulheres quilombolas, compreendendo a comunidade como um *espaçotempo* privilegiado da pesquisa, pois nele desenvolve-se, cotidianamente,

[...] caminhos que possibilitem compreender a existência cotidiana sem exigir a renúncia diante do que ela nos oferece, mas, ao contrário, reconsiderar a necessidade de um retorno à existência e à linguagem de todo o dia, buscando reavivar o contato com aquilo que, na vida comum, irrigado pelo fluxo de conversações e narrativas, passa despercebido de tão

evidente, ou então só se deixa ver na remissão incessante de um texto ao outro, de uma narrativa à outra. Implica, ainda, assumir os cotidianos escolares a partir das redes de relações que aí são tecidas e partilhadas, as quais, em referência aos marcos *teóricospráticos* assumidos, incluem tanto os usos quanto as negociações, traduções e hibridizações que se enredam nas redes de conhecimentos (FERRAÇO; CARVALHO, 2012, p. 13).

Assim, compreendemos a importância dessas mulheres na comunidade, que utilizam táticas para passar adiante os conhecimentos dos seus antepassados quilombolas para a juventude. Concebemos as táticas na concepção de Certeau (1994) como ações realizadas para enfrentar as circunstâncias do cotidiano, sem a possibilidade de um pensamento estratégico, sem uma visão ampla dessas circunstâncias e sem um espaço próprio de ação, o que só é permitido aos que têm o poder hegemônico sobre este espaço.

Percebemos assim um forte sentimento de resistência cultural por parte do grupo cultural de mulheres que se envolvem com danças e cânticos da/na comunidade. Compreendemos, portanto, que as mulheres idosas quilombolas, envolvidas na pesquisa, inventam o cotidiano com mil maneiras de “caça não autorizada”, escapando, silenciosamente, a essa conformação (CERTEAU, 2008). Essa invenção do cotidiano se dá ao que o pesquisador chama de “artes de fazer”, “astúcias sutis”, “táticas de resistência” que vão alterando os objetos e os códigos, e estabelecendo uma (re) apropriação do espaço e do uso ao jeito de cada um.

### Considerações finais

Neste trabalho apresentamos um pouco da experiência vivenciada quilombo do Oitero Penedo/Alagoas, como recorte apresentamos os *saberesfazer* das mulheres idosas quilombolas que participaram da pesquisa Contos Causos e Histórias do Oitero, a escolha por essas mulheres deve-se ao fato de compreendermos que essas idosas são presenças de resistência e preservação da cultura na comunidade. Compreendemos que essas mulheres resistem ao silenciamento expondo seus saberes através dos seus cantares, danças e histórias contadas.

Entre os aspectos da tradição e cultura na comunidade do Oiteiro, destacamos as músicas, contos, causos, lendas urbanas, histórias de trancoso, entre outros. Trata-se, então, de uma coletânea de informações, passadas de geração em geração, como valiosas ferramentas para garantir a identidade desses sujeitos.

Percebemos que as idosas quilombolas do Oitero trazem toda sua ancestralidade no seu falar, cantar e dançar, acreditamos que tudo isso fortalecidas pela herança dos seus antepassados africanos. Essas mulheres, mesmo que de maneira inconsciente usam a tradição oral para dar continuidade as história do quilombo do Oitero e conseqüentemente preservar sua cultura. Assim, compreendemos a importância dessas mulheres na comunidade, que utilizam táticas para passar adiante os conhecimentos dos seus antepassados quilombolas para a juventude.

---

[i] Oficialmente a comunidade do Oitero possui o nome de Senhor do Bomfim, mas a comunidade resiste e se denomina como Oitero.

### Referências

BRASIL. **Dossiê mulheres negras : retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil** / organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes ... [et al.].- Brasília: Ipea, 2013.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: a arte de fazer**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREIRE, Paulo. **Sobre educação: diálogos** (Paulo Freire e Sérgio Guimarães). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

LIMA, Elvira Souza. **A função antropológica do ensino**. Nova Escola, a revista do professor, São Paulo: abril, n138, p.p.9-11, dez 2000.

MOURA, Glória. **Proposta Pedagógica: Educação Quilombola**. IN: SEED (2007: 3-8).

MUNANGA, K. Apresentação. In: MUNANGA, K. (Org.) **Superando o racismo na escola**. 2.ed. Brasília: Ministério da Educação, SECAD, 2005.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

SACRISTAN. Gimeno, **A educação obrigatória: Seu sentido educativo e social**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2001.

TAVARES, M, A. **Os fios (in)visíveis da produção capitalista: Informalidade e precarização do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2004.

[1] Estudante do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

[1] Estudante do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

[1] Mestra em Educação Brasileira - UFAL. Professora da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, campus Penedo, integrante do grupo de pesquisa MULTIEJA, membro efetivo do Fórum Alagoano de EJA, trabalha com temas ligados à EJA, Gestão Escolar, Planejamento, Avaliação, Currículo e formação de professores. E-mail – vccavalcante1@hotmail.com

[1] Oficialmente a comunidade do Oitero possui o nome de Senhor do Bomfim, mas a comunidade resiste e se denomina como Oitero.